

## **A HISTÓRIA AFRICANA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DE ALAGOINHAS-BA COM BASE NA LEI 10.639/2003**

Edite Nascimento Lopes (PÓS-CRÍTICA - UNEB) <sup>1</sup>

Orientador: Prof. Dr. Carlos Magno Santos Gomes

*Resumo:* Através desta pesquisa, pretende-se refletir a partir dos relatos e das práticas pedagógicas dos professores, das escolas públicas de Alagoinhas Bahia, quais são os obstáculos que aparecem na hora de produzir conhecimento sobre a Cultura afro-brasileira e africana. Vale destacar que Alagoinhas é um município brasileiro e está localizado no leste da Bahia. Com a implantação da lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história da África e da cultura afro-brasileira no ambiente escolar, percebem-se grandes dificuldades encontradas por partes dos professores na hora de aplicar os conteúdos em sala de aula. Muitos desses educadores, não possuem cursos de formação sobre a temática. Diante destes fatos, acabam reproduzindo em suas práticas pedagógicas imagens negativas do continente africano, levando para sala de aula, conteúdos eivados de preconceitos e a ideia de uma África homogênea, que em nada contribui para entender a cultura afro-brasileira. Em geral o continente é trazido como se fosse um país primitivo, selvagem onde prevalecem as doenças, as fomes e a ausência de valores culturais. Neste aspecto, é preciso desmistificar a ideia de África monolítica, enraizadas nas práticas pedagógicas, dos professores das escolas públicas do município Alagoinhas, para melhor trabalhar o ensino da cultura afro-brasileira na sala de aula.

*Palavras Chave:* África. Ensino. Lei 10.639/03. Práticas Pedagógicas.

### **INTRODUÇÃO**

Para melhor entendimento deste trabalho, fazem-se necessários os seguintes questionamentos: qual África é ensinada aos estudantes do município de Alagoinhas? O que está sendo inserida na prática pedagógica dos professores que tiveram sua formação anterior a lei 10.639/2003? Por quais instituições foram formados? Tiveram acesso a livros específicos sobre o continente africano? Puderam enxergar além das concepções que os estimulam, ainda hoje, nos livros didáticos, sobre o continente africano? Como compreendem o conceito de cultura afro-brasileira no contexto atual?

Para além destes questionamentos, sabe-se que a história da África foi relegada ao esquecimento ou a subalternização da sua relevância no palco das ações humanas. Representações construídas, em geral, a partir da percepção exterior, assentadas em mitos e preconceitos diversos romperam a barreira do tempo, foram reformuladas, incorporaram novos esquemas e confluíram para o desenho da imagem da África que nos chegam até hoje pelos mais diversos mecanismos.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, na Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, Campus II. Seminário Interlinhas II. E-MAIL: editylopes@hotmail.com.

Incluindo nesse rol, as práticas pedagógicas dos professores. Mesmo com a regulamentação do ensino da História da África a partir da promulgação da Lei 10.639/03, há onze anos, percebe-se que o não-cumprimento do dispositivo legal ou abordagens simplistas e deturpadas do tema ainda são eminentes em algumas escolas. Essa situação persiste, pois muitos professores ainda não foram instrumentalizados para responder a nova demanda que foi gerada a partir da promulgação da lei supracitada. Para se chegar a essas reflexões, foram realizadas entrevistas, com um grande número de docentes que compõem a rede pública de ensino, no referido município, além de observações das aulas, nas quais se abordava o ensino da cultura afro-brasileira e africana.

## **DESENVOLVIMENTO**

Isso se justifica pela a “ausência” de textos escritos. Sabe-se, a partir dos diferentes volumes da coleção História Geral da África, que tal afirmação destoa do que é efetivamente verdadeiro. A África possui fontes escritas, apesar de estarem mal distribuídas no tempo e no espaço. Há, por exemplo, diversos documentos que foram escritos pelos árabes e que se remetem ao período compreendido entre os séculos X ao XV. Muitos educadores da contemporaneidade se apegam a essa lógica de África sem história, para reproduzir em suas práticas pedagógicas, saberes com base em valores eurocêntricos e etnocêntrico (AJAYI, 2010).

Em entrevistas realizadas com professores da rede municipal de ensino de Alagoinhas, identificou-se que cerca de 70% dos entrevistados não participaram de nenhuma formação específica para o Ensino de História da África e da Cultura Afro-Brasileira. Em geral, o que lhes foi oferecido resumiu-se a uma palestra, oficina ou seminário, que, segundo eles, não lhes forneceu embasamento necessário para propor o ensino de História da África e da Cultura Afro-Brasileira a partir de uma ótica diferente das representações que construíram ao longo de suas vidas. Salienta-se que os estudos de outras culturas nos espaços escolares são extremamente relevantes para compreender o processo de formação da identidade brasileira:

Não podemos negar que a oficialização do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira no currículo da rede pública de ensino do país é um marco no sentido de introduzir na educação brasileira a valorização de nossa história e a participação de outras culturas, além da européia. Entretanto, a essa demanda acrescentada na LDB cumpre também a tarefa de fortalecer e promover a reconstrução das relações étnico-raciais no ambiente escolar em todo o país (SILVA, 2010, p. 7).

A falta de informação e formação que auxiliem o professor sobre determinadas questões envolvendo o ensino de história da África, corroboraram para que a implementação da Lei se tornasse ainda mais distante das salas de aula. Sendo assim, é necessário ressignificar os saberes

docentes no que tange a questão do ensino da história africana e da cultura afro-brasileira, os professores em análises, carecem repensar sua formação a partir de sua própria prática pedagógica:

Significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação das práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque preches de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias (PIMENTA, 1999, p. 19).

No que tange a questão dos saberes docentes, remete-se ao processo ensino e aprendizagem e a relação teoria e prática. Acredita-se, que a escola, ocupa um espaço distinto para a construção do conhecimento e o professor se encarrega de aprimorar esses conhecimentos com o exercício de sua prática pedagógica:

Procurando identificar quais conhecimentos são desenvolvidos pelo professor ao atuar, no âmbito da cultura escolar e das condições mais adversas do seu trabalho. Também busca especificar e estudar as necessárias articulações desses conhecimentos do professor tanto com a prática, quanto com os conhecimentos teóricos acadêmicos da formação básica. Tais articulações possibilitam o desenvolvimento da capacidade reflexiva, que favorece o compromisso com o ensino de qualidade e a competência para atuar (GUARNIERI, 1997, p. 6).

Os problemas e desafios que aparecem na hora de produzir conhecimento na área de história da África e da cultura afro-brasileira, são decorrentes de representações construídas, em geral, a partir da percepção exterior, assentadas em mitos e preconceitos. As sociedades africanas, por exemplo, podem até ser vizinhas, mas possuem hábitos, costumes e práticas totalmente distintas. Não são, portanto, passíveis de serem homogeneizados sob a perspectiva dos negros, ou mesmo de africanos. A África não é o lugar da violência, guerras, fomes, doenças, desordem e ausência de civilização.

A recusa do passado científico e tecnológico dos povos africanos, por parte dos estudiosos do final do século XIX, deram a impressão ao restante do mundo de que os povos do continente africano não tiveram nenhuma contribuição para o conhecimento universal. Isso fica bem claro quando nos deparamos com representações eivadas de preconceitos, que colocam a África como um continente eternamente pré-histórico, bárbaro, cujos habitantes são desprovidos de sabedorias, incapazes de construir ou transmitir conhecimentos, lugar de Sol ardente, com paisagens sem belezas, onde se encontram vários animais selvagens.

Vista dessa forma, a África é o “não lugar”, e não oferece as mínimas condições para sobrevivência de seres humanos. Só os selvagens, acostumados com tal “lugar”, que conseguem viver em tais condições. Durante muito tempo o ocidente conseguiu transmitir a imagem de que o

desenvolvimento, o progresso, a civilização e, sobretudo, os valores culturais sempre fizeram parte de suas sociedades (BOAHEN, 2010).

Os povos ocidentais supervalorizam suas culturas e colocam o outro, notadamente a África, em condições de inferioridades. Representações construídas, em geral, a partir da percepção exterior, assentadas em mitos e preconceitos diversos romperam a barreira do tempo, foram reformuladas, incorporaram novos esquemas e confluíram para o desenho da imagem da África que nos chegam até hoje pelos mais diversos mecanismos. Incluindo nesse aspecto, as práticas pedagógicas dos professores, que enfrentam problemas para compreender a dinâmica da cultura afro-brasileira, enquanto formação da sociedade brasileira a partir da heterogeneidade cultural não considera que:

A diversidade cultural é a riqueza da humanidade. Para cumprir sua tarefa humanista, a escola precisa mostrar aos alunos que existem outras culturas além da sua. Por isso, a escola tem que ser local como ponto de partida, mas tem que ser internacional e intercultural como ponto de chegada. Escola autônoma significa escola curiosa, ousada, buscando dialogar com todas as culturas e concepções de mundo. Pluralismo não significa ecletismo, um conjunto amorfo de retalhos culturais. Significa, sobretudo diálogo com todas as culturas, a partir de uma cultura que se abre às demais (GADOTTI, 2001, p. 386).

É válido salientar que não se pode estudar o continente africano baseando-se nos valores ocidentais. Deve-se levar em consideração todo seu passado cultural e histórico, para que seja evitado o equívoco cometido por muitos estudiosos, que rejeitaram por muito tempo os milhares de anos de tradição dos povos africanos. O que se percebe é que a história desses diferentes povos ainda é desprezada por alguns estudiosos, uma vez que muitos deles privilegiam a historiografia vinda por parte do ocidente, alegando que o referido continente não dispõe de fontes para ser estudadas. Argumentos como esses, eivados de concepções eurocentristas, não dão conta de que as heranças culturais da África contribuíram de forma significativa para a formação de várias civilizações em outros continentes. Ademais, os vários registros culturais, que foram deixados aqui no Brasil por esses povos, que corroboraram de forma significativa para o alargamento da cultura afro-brasileira (TONIOSSO, 2011).

É nesse sentido, que as Leis de Diretrizes e Bases da Educação brasileira, destacam que é imprescindível uma mudança de postura por parte dos educadores das escolas públicas. Carecem se preparar e se instrumentalizar para garantir a consolidação da temática nas salas de aulas.

Nas escolas públicas, onde foram realizadas a pesquisa, percebeu-se que os professores continuam enfrentando desafios na hora de aplicar conteúdos sobre a história da África e da cultura afro-brasileira:

O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a educação das relações étnico-raciais, se desenvolverão no cotidiano das escolas, nos diferentes níveis e modalidades de ensino, como conteúdo de disciplinas particularmente Educação Artística, Literatura e História do Brasil, sem prejuízo das demais em atividades curriculares ou não, trabalhos em salas de aula, nos laboratórios de ciências e de informática, na utilização de sala de leitura, biblioteca, brinquedoteca, áreas de recreação, quadra de esportes e outros ambientes escolares (BRASIL, 2004, p. 21).

A grande maioria dos educadores, das escolas públicas de Alagoinhas, conforme observações feitas durante as aulas, faz questões de ressaltar as doenças, a miséria, as fomes, a escravidão e as guerras. Atitudes como essas, transmite para os alunos a ideia equivocada de que o continente africano é um grande país, e que nele só existem situações negativas, que em nada contribuem, para entender a cultura afro-brasileira e sua formação no contexto atual. É neste sentido que os professores carecem de uma formação, voltada diretamente para o ensino de história da África e cultura Afro-Brasileira, para que possam produzir conhecimento de forma eficaz.

## **CONCLUSÃO**

Conclui-se que, para falar da história da África e da Cultura Afro-Brasileira, é necessário conhecer esses povos em suas dimensões históricas. As informações trazidas por alguns estudiosos sobre a realidade atual do continente africano não são suficientes para julgar toda sua trajetória. Deve ser levado em consideração também todo o conhecimento adquirido em seus primórdios, já que o presente por si só não responde certas inquietações advindas de um passado colonizador. Para além dos olhares negativos em relação à história da África, é preciso desconstruir em passo acelerado a “barragem de mitos” constituída sobre esta história. Com o apoio da Arqueologia, civilizações inteiras foram descobertas, pondo por terra as afirmações de que o continente africano é destituído de história.

E ainda hoje, muitos estudiosos insistem em afirmar que o continente não possui contribuições para a história do mundo. As “Ciências”, marcadas por diferentes preconceitos, produziram obras que difundiam absurdos de toda ordem sobre o continente africano. Para além desta afirmação, o estereótipo é um olhar e uma fala bem-sucedida, que possui uma dimensão sólida, ao constituir uma realidade em cima do objeto que está sendo estereotipado. Dessa forma, o continente africano vem sendo discriminado, marginalizado e estereotipado nas representações feitas por diferentes agentes da cultura ocidental. Estas imagens chegam até nós, e ao próprio continente africano, impregnados de valores eurocentristas. Quase sempre a África é colocada na condição de coitadinha, seja na mídia ou fora dela, os povos africanos são tratados de forma homogênea, como se fossem simplesmente negros, ou, africanos. Estes estereótipos e clichês

envolvem relações de interesses e poder que de certa forma contribuem para o discurso discriminatório.

Para além destas questões, o intuito é mostrar que é possível construir conhecimento na área da história africana e da cultura afro-brasileira, sem se remeter somente aos fatores negativos, as guerras, a escravidão, as doenças, as fomes e as catástrofes sociais. É preciso desmistificar a ideia de África homogênea que ainda é trazida pelo grande número de docentes das escolas públicas do município de Alagoinhas. Acredita-se que é possível produzir conhecimento nessa área com confiança, dinamismo, responsabilidade social e consciência histórica. Só assim, a escola será vista como um espaço sociocultural em que o fazer docente contribui de forma significativa para o processo ensino e aprendizagem. E o aluno poderá atuar como sujeito crítico e consciente de suas ações dentro do cenário brasileiro.

## REFERÊNCIAS

AJAYI, J. F. Ade (Org.). *História Geral da África*, v. 6 - África do século XIX à década de 1880. Brasília, UNESCO/ MEC, 2010.

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai. A África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: DF, Outubro, 2004.

BOAHEN, Albert Adu (Org.). *História Geral da África*, vol. 7 - África sob dominação colonial, 1880-1935. Brasília, UNESCO/ MEC, 2010.

BRUNSWCHWIG, Henri. *A partilha da África negra*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GADOTTI, Moacir. *Pensamento pedagógico brasileiro*. São Paulo: Ática, 2001.

GUARNIERI, M.R. O início na carreira docente: Pistas para o estudo do trabalho do professor. In: *Anais da Anped*, 1997.

HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula. Visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

M'BOKOLO, Elikia. *África negra. História e civilizações – tomo I (até o século XVIII)*. Salvador/ São Paulo: Editora da UFBA/Casa das Áfricas, 2009. Pag. 17. Os negritos são de minha autoria.

OLIVA, Anderson Ribeiro. *Lições sobre a África: Diálogos entre as representações dos africanos no imaginário ocidental e o ensino da História da África no mundo atlântico (1990-2005)*. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

PIMENTA, S.G. Formação de professores: Identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. (Org.). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez, 1999.

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício. *Memória d'África: a temática africana em sala de aula*. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Priscila Kelly de Alencar. et all. *História e Cultura Afro-Brasileira: Caminhos Pedagógicos Abertos Pela Lei Federal Nº 10639/03 No Combate Ao Preconceito Racial*, 2010.

TONIOSSO, José P. *Ensino de história e cultura afro- brasileira: da legislação à prática docente*. Dissertação (Mestrado em Educação)- Centro Universitário Moura Lacerda. Ribeirão Preto, 2011.

